

# ENTRE DISCURSOS E MITOS: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA PROFESSORA DE INGLÊS NÃO NATIVA NO DISCURSO MIDIÁTICO

p. 61- 69

Alcione G. Campos<sup>1</sup>

## Resumo

Estudos pós modernos da linguagem tentam compreender a (re)construção e (trans)formação identitária docente sob diferentes aspectos. Neste artigo, tenho como objetivo analisar um texto da esfera midiática com foco na constituição da identidade da professora não nativa de inglês. Entendo a identidade com base em teóricos da sociologia que defendem um conceito pós moderno de sujeito descentrado, fragmentado e com múltiplas identidades. Além disso, baseada em preceitos da linguística aplicada, entendo identidade e identidade profissional como um construto social, histórico e discursivo. O arcabouço teórico e metodológico da Análise de Discurso Crítica é o que fundamenta a análise e as conclusões interpretativas que desenvolvo. Tais interpretações indicam a construção midiática de uma identidade de professora de inglês não nativa inferiorizada e marcada por representações negativas.

**Palavras-chave:** Discurso; Identidade; Professora de inglês não nativa.

## Abstract

Postmodern language studies search for understanding teacher's identity (re)constitution and (trans) formation under different aspects. In this article, I aim at analyzing a text from the media sphere focusing on the nonnative English teacher's identity constitution. I understand the concept of identity based on sociologists who hold a postmodern concept of the subject as decentered, fragmented and having multiple identities. In addition, based on applied linguistic principles, I understand identity and professional identity as a social, historical and discursive construct. The theoretical and methodological framework of Critical Discourse Analysis underlie the analysis and interpretive conclusions that I develop. Such interpretations indicate the media construction of a nonnative English teacher identity marked by inferiority and negative representations.

**Keywords:** Discourse; Identity; Nonnative English teacher.

## Introdução

Uma das grandes questões que tem inquietado a humanidade desde a antiguidade é a compreensão da origem do homem. Quem somos nós? Como chegamos até aqui? Esta são perguntas que instigam e movem o desejo por respostas sobre o Homem. Para o filósofo francês Michel Foucault a busca da origem é menos importante do que a compreensão do que somos hoje. Segundo Foucault o sujeito moderno se constitui e é constituído em

práticas discursivas que tematizam o saber e são permeadas por relações de poder. Fairclough (2003) argumenta que nossas identidades são construídas discursivamente, que a tessitura textual é a tessitura de quem enuncia e sobre quem se enuncia.

Em estudos pós modernos da linguagem, pesquisadores se dedicam a compreender como discursos não apenas representam o mundo e seus aspectos, mas o criam. Neste artigo tenho como objetivo analisar como um texto midiático, um comercial de uma escola de línguas, constrói a

<sup>1</sup> Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem desta universidade. Professora de Língua Inglesa do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF).

identidade da professora de inglês não nativa tendo como suporte a teoria da análise de discurso crítica (ADC), particularmente a vertente desenvolvida por Norman Fairclough (1992, 1995, 2003, 2006, 2012) e Chouliaraki e Fairclough (1999).

Na sequência a esta introdução abordo o referencial de identidade e identidade profissional de professor de inglês, campo em que se situa este estudo. Em seguida, discorro sobre a Análise de Discurso Crítica que constitui-se em suporte teórico e analítico para o desenvolvimento deste artigo. Passo, então, ao desenvolvimento da análise e às interpretações que desenvolvi. Por fim, teço algumas considerações em relação à identidade da professora de língua inglesa marcada por fragmentos midiáticos de construções simbólicas.

## Identidade

O campo de estudos identitários tem sido de grande interesse para estudiosos de diferentes áreas como a filosofia, sociologia e psicologia. Apesar de se basearem em diferentes correntes teóricas e terem focos e objetivos distintos, estes estudos se caracterizam por terem em comum a noção pós-moderna de sujeito descentrado e fragmentado. A partir dessa concepção e com o intuito de entender e desenvolver conhecimento teórico sobre o tema todos, “de uma forma ou de outra, criticam a ideia de uma identidade integral, originária e unificada” (HALL, 2001b, p. 103). Nesse estudo, adoto o conceito de identidade baseada em sociólogos filiados aos Estudos Culturais, os quais se pautam na ideia de deslocamento de referências da sociedade pós-moderna como influência ao descentramento do sujeito e consequente fragmentação de suas identidades.

O argumento em torno do qual se tem teorizado a respeito de identidade é o da crise da identidade (MERCER, 1990). Para HALL (2011a) essa crise identitária é uma característica da modernidade tardia, pois estruturas que antes eram consideradas como sólidas e cristalizadas socialmente vêm sofrendo desestabilização, como as noções de família, nacionalidade, gênero, por exemplo. Com isso o sujeito se vê abalado em suas convicções e suas identidades perdem a referência passando a também se caracterizarem como fluidas e em movimento.

O sociólogo Giddens (2002) também defende esse entendimento e afirma que o processo de mudança que desloca as sociedades

atinge também os sujeitos, as mudanças na vida social são mudanças institucionais acarretadas pela modernidade tardia que se entrelaçam com o eu e afetam os aspectos mais pessoais de nossa existência. Dessa forma, o indivíduo percebe suas referências sociais como fragmentadas e, conseqüentemente, a si próprio.

Para Zygmund Bauman (2005) as características de nossa “época líquido-moderna” são, de certa forma, as características dos que nela vivem. Esse teórico afirma que a identidade tornou-se um tema de preocupações e controvérsias na modernidade líquida, uma época onde passamos por diferentes comunidades de ideias e princípios, as quais podem ser conflitantes.

Diferentemente de comunidades de vida e destino, cujo pertencimento não é uma questão, pois está dado, as comunidades fundidas por ideias e princípios podem gerar conflitos, uma vez que o pertencimento é uma questão de escolha. E, em um mundo de diversidades e poli cultural, as ideias e princípios são muitas, conflitantes, efêmeras, o que provoca o questionamento sobre a identidade, as quais também acabam sendo conflitantes e efêmeras.

Woodward (2011) também aborda a questão identitária e sua crise. Segundo ela, há uma crise de identidade ocasionada por questões sociais, políticas e econômicas da modernidade tardia que desestabilizaram estruturas tidas como fixas. Com isso, a identidade, antes vista como fixa e estável, passa a ser, assim como o contexto na qual é formada, fluida e contingente, em oposição a perspectivas essencialistas que sugerem haver algo de fixo, autêntico e cristalino na identidade.

Bucholtz e Hall (2005), pautadas em estudos socioculturais da linguagem, defendem uma abordagem discursiva no estudo de identidade. Sua perspectiva busca uma interseção entre linguagem, cultura e sociedade, na qual disciplinas como a Antropologia, a Psicologia Social, a Sociolinguística e a Linguística se envolvem numa relação interdisciplinar para dar subsídios à análise do discurso socialmente orientada (ADC, por exemplo). As autoras afirmam que a identidade é “um fenômeno relacional e sócio-cultural que emerge e circula no discurso em contextos locais de interação, ao invés de uma estrutura estável localizada primariamente na psique do indivíduo ou em categorias sociais fixas”. (BUCHOLTZ; HALL, 2005

p. 586). Portanto, as autoras se opõem a uma concepção de identidade fixa, essencial e estável.

Nessa perspectiva, como aponta Rajagopalan (2002, p. 344), “As identidades são construídas discursivamente, o que vale dizer que nada há de ordem ontológica nelas”, sendo elas sempre um construto. Moita Lopes (2002) parece compartilhar desse posicionamento e defende uma visão de identidade enquanto construção social em circunstâncias culturais, históricas e institucionais particulares. E é nesse processo de significação que as pessoas constituem suas identidades sociais ao agirem no mundo por meio da linguagem. O discurso é, como afirma o autor, o meio pelo qual os participantes constroem sua realidade, a si próprios e aos outros a sua volta, em um movimento fluido e constante. Outro aspecto determinante na construção identitária em práticas discursivas sócio-historicamente situadas são as relações de poder nas quais os participantes estão posicionados.

Varghese et al. (2005), ao desenvolverem um estudo sobre as formas de teorização da identidade de professores/as de línguas, resumem essa teorização em três princípios gerais, os quais estão em consonância com os estudos citados acima. Em primeiro lugar, afirmam os autores, a identidade profissional não é fixa, estável, unitária ou internamente coerente, mas um fenômeno múltiplo, em constante transformação e conflito, sendo, ao mesmo tempo, transformador e transformado. Em segundo lugar, está a concepção relacional de identidade, ou seja, a constituição identitária está relacionada ao contexto social, cultural e político. Por fim, a identidade é vista como um construto basicamente discursivo, ou seja, ela é negociada e constituída por meio do discurso.

No processo de constituição identitária o sujeito constitui-se e é constituído em diferentes práticas sociais por meio do discurso (FAIRCLOUGH, 2003). Para Coracini (2003, p. 201) “Assim como nomear é dar realidade ao objeto, é possível afirmar que falar de um povo ou de um grupo social e até mesmo de um indivíduo é dar-lhes existência, fazê-los serem e acreditarem que são”. Portanto, ao representar a professora de inglês não nativa em campanhas publicitárias, a mídia discursivamente cria efeitos de verdade sobre essa profissão e esses efeitos simbolicamente permeiam suas identidades.

## Análise de Discurso Crítica

A abordagem teórico-metodológica que dá suporte a este trabalho analítico é a Análise de Discurso Crítica (ADC). Esta não se constitui em abordagem única, pelo contrário, é heterogênea e composta por uma série de perspectivas que se inserem em estudos críticos do discurso. A vertente que adoto é a Teoria Social do Discurso proposta por Norman Fairclough (1992, 1995, 2003, 2006, 2012) e Chouliaraki e Fairclough (1999). Essa vertente da ADC é uma abordagem científica transdisciplinar de estudos críticos de discurso textualmente orientada, que entende a linguagem, enquanto discurso, como parte irreduzível da vida social, dialeticamente interligada a outros elementos, e ressalta a importância de sua análise, articulada a outros elementos, em investigações de questões sociais. Sendo, portanto, uma versão dialética-relacional (FAIRCLOUGH, 2012) da ADC, na medida em que entende o discurso e outros momentos da prática social em relação dialética com a sociedade, moldando e sendo moldados por ela.

O trabalho transdisciplinar é desenvolvido por meio do diálogo com outras disciplinas e metodologias que tratam de processos contemporâneos de mudança social. Figueiredo (2009, p. 740) afirma que a ADC, enquanto abordagem transdisciplinar,

rompe fronteiras epistemológicas com diversas áreas das ciências sociais, valendo-se de teorias delas providas para apoiar sua abordagem sociodiscursiva, ao mesmo tempo em que oferece às/aos cientistas sociais a possibilidade de acrescentar um viés discursivo a suas investigações.

Fairclough (2005) assevera que esse diálogo possibilita o desenvolvimento teórico-metodológico da ADC e das disciplinas com as quais ela dialoga. Nesse sentido, e, buscando relacionar ação individual e estrutura social, Fairclough (1992; 2003) e Chouliaraki e Fairclough (1999) propõem um diálogo, a partir da perspectiva ontológica do Realismo Crítico (RC), com teorias sociais que entendem a vida social como formada de práticas, “maneira habituais, vinculadas a espaço e tempo específicos, nas quais as pessoas utilizam recursos (materiais ou simbólicos) para (inter)agirem no mundo” (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 21).

A vida social, nessa perspectiva, é composta por três níveis: a estrutura social mais abstrata, o evento social mais concreto e o nível intermediário mediador entre esses dois, a prática social. As estruturas sociais são entidades abstratas, como a estrutura educacional, por exemplo, que definem um potencial, uma estrutura de possibilidades passíveis de se materializarem nos eventos sociais, os quais são realizações concretas como, por exemplo, uma aula. Todavia, essas realizações “não são, de forma simples ou direta, os efeitos das estruturas sociais abstratas” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 23), elas são mediadas pela entidade intermediária, as práticas sociais. Estas, práticas de ensino, por exemplo, são formas de controlar a escolha de algumas possibilidades e a exclusão de outras, afirma Fairclough (2003), e também de manter essas escolhas por um período de tempo em certas áreas da vida social. Portanto, o conceito de prática social se refere a uma entidade intermediária, situada entre as estruturas sociais mais fixas e as ações individuais mais flexíveis nos eventos sociais.

As práticas sociais, como “maneiras recorrentes, situadas temporal e espacialmente, pelas quais pessoas interagem no mundo” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 43) incluem, além do discurso, os seguintes elementos: atividades, relações sociais, objetos e instrumentos, tempo e espaço, atores sociais. Esses elementos estão dialeticamente interligados, ou seja, não são elementos distintos, completamente separáveis. Uns compõem os outros sem serem, no entanto, redutíveis a eles (FAIRCLOUGH, 2005).

A linguagem é parte integrante e irreduzível dos três níveis da vida social, em outras palavras, há uma dimensão semiótica para cada um desses níveis. A linguagem figura na estrutura social como sistema semiótico (rede de opções léxico-gramaticais), no nível intermediário das práticas sociais a linguagem é discurso (redes de ordem do discurso), e no nível mais concreto, a linguagem é texto (materialização do discurso em material empírico). A linguagem em uso (discurso) nas práticas sociais é baseada nas estruturas semióticas e tem, ao mesmo tempo, uma flexibilidade que permite a manifestação da individualidade nos textos.

É importante ressaltar que o termo discurso é usado em diferentes acepções no campo de análise de discurso. Fairclough (2003) o usa em

dois sentidos: Discurso num sentido abstrato, referindo-se a elementos semióticos da vida social (língua – falada e escrita, e outros elementos semióticos como linguagem visual, corporal, etc.). Nesse sentido, o autor prefere usar o termo *semiose* para evitar confusão com o segundo sentido de discurso, o qual se refere a discurso como substantivo contável, uma categoria que designa modos particulares de representar determinados aspectos da vida social (discurso político, educacional, etc.). Eu opto por utilizar o termo discurso no singular para a primeira acepção e discursos, no plural, para a segunda.

O discurso (*semiose*), enquanto momento das práticas sociais, é entendido a partir do conceito de ordem do discurso que, como mencionado acima, é um sistema semiótico que possibilita e regula nossas ações discursivas. A ordem do discurso é formada pela articulação de gêneros –formas de (inter) ação-, discursos –formas de representação- e estilos –formas de identificação. Uma vez que a ADC entende a linguagem como um sistema aberto, vincula as possibilidades de significação não apenas ao sistema linguístico como também ao sistema social de ordem de discurso. Nesse sentido, Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 151) afirmam que esses dois domínios, a estrutura do sistema semiótico (que inclui a língua) e a estruturação social semiótica, ordem de discurso, são essenciais, e sustentam que

A linguagem, como um sistema aberto, tem capacidade ilimitada na construção de sentido por meio de conexões gerativas sintagmáticas e paradigmáticas. Mas é o dinamismo da ordem do discurso em gerar novas articulações de discursos e gêneros que mantém a linguagem como um sistema aberto, uma vez que tais articulações são realizadas (e, em certo sentido, abertas) em novas conexões sintagmáticas e paradigmáticas na linguagem e outros sistemas semióticos (gesto, imagem). Por outro lado, é a fixidez da ordem do discurso que limita o poder gerativo da linguagem ao impedir certas conexões.

Neste trabalho, o objetivo é analisar como discursos presentes na mídia contribuem para a (re) constituição de identidades profissionais docentes. Para alcançar esse objetivo procedo à análise de um texto da esfera midiática. Analiso o discurso enquanto elemento de uma prática social a partir

do gênero comercial e por meio da categoria de representação de atores sociais. Assim, analiso representações simbólicas, ou seja, construídas em discurso, acerca da professora de inglês não nativa.

### Discursos e Mitos sobre a Professora de Inglês Não Nativa

O comercial, objeto desta análise, foi veiculada pela escola Open English no Brasil em seu sítio e na televisão, mas, devido à repercussão negativa com o público brasileiro, ele foi retirada de circulação. No entanto, ainda é possível encontra-lo, em meio às diferentes campanhas publicitárias da escola, em um sítio de vídeos na internet. Abaixo, apresento as imagens e a transcrição das falas do comercial.

1-



“Estes dois querem falar inglês”:



“Um vai a uma escola tradicional, o outro

faz Open English.

Um passa uma hora no trânsito até chegar na escola toda segunda à noite.

O outro aprende on-line a qualquer hora do dia”.

3-



“Um tem aulas com a Joana, que estudou inglês em Buenos Aires.”



“O outro fala ao vivo com Jenny, sua professora na Califórnia”.

“E você, qual a sua escolha?”

“Open English, inglês online agora no Brasil”.

Neste comercial os efeitos de sentido são diversos. No entanto, focarei na construção da identidade da professora de inglês não nativa construída discursivamente por meio de relações estabelecidas com os demais atores sociais nela

representados, a professora nativa e os dois alunos.

A professora não nativa, enunciada como Joana no comercial, é apresentada de acordo com a imagem de professora que o enunciador (publicitário, empresa de publicidades, dono da escola) deseja criar. Tem-se, portanto, uma criação indireta da identidade mostrada e dita de professora não nativa que atende a interesses mercadológicos que visam promover a escola de idiomas Open English. A escola busca “vender” a ideia de que professores nativos são superiores, melhores, e que, portanto, os estudantes deveriam optar por estudar com estes professores. E, uma vez que a Open English tem professores nativos, os alunos deveriam optar por estudar com essa escola.

A mídia, para Barbara e Sardinha (2005) tem poder determinante na construção de imagens. Ela é um meio pelo qual a imagem de professor, por exemplo, pode ser criada, reforçada, contestada ou mudada. Segundo estes autores, os estereótipos sociais acerca de um grupo ou uma profissão é em grande parte acentuado pela mídia. É assim que o comercial da Open English, que visa persuadir o público a escolher a escola para estudar inglês, reforça o mito da superioridade do professor nativo em relação ao não nativo. Para Giddens (2002) a mídia é um instrumento que não espelha realidades, ao contrário as (trans)forma. O autor defende a ideia de que a mídia opera como uma forma de intruso na vida cotidiana influenciando a forma como a realidade é experimentada pelos indivíduos. A mídia, segundo Thompson (2008), oferece recursos simbólicos de possibilidades de construção da realidade, de construção de conhecimentos sobre si e sobre outros.

A identidade de professora não nativa, portanto, sofre neste comercial uma construção midiática. Uma construção simbólica de uma profissão que cria a imagem de fracasso profissional e pessoal e de inferioridade da professora não nativa em relação à nativa. Sua caracterização mostra uma pessoa considerada, a partir de estereótipos sociais, mal sucedida, pois, como diz o enunciador, estudou inglês em Buenos Aires e não em um país onde o inglês é a primeira língua, um país de prestígio social como os Estados Unidos ou a Inglaterra, por exemplo. Além disso, a imagem de seu corpo está ligada ao fracasso pessoal, pois para a sociedade moderna o estereótipo de mulher bem sucedida está ligado a padrões de beleza ocidental, ou

seja, mulher magra com cabelos longos que tem uma postura descontraída e usa roupas da moda. A professora Joana mostrada no vídeo não atende a esses padrões. Por fim, o comercial constrói a imagem da professora imitando uma galinha ao ensinar o significado dessa palavra em língua inglesa. Interpreto essa imagem como a ridicularização de professores não nativos e alusão à sua falta de proficiência no idioma que ensinam. Isto fica mais evidente se contrastarmos a imagem de Joana com a da professora nativa, Jenny, uma mulher magra, loira e atraente.

Os alunos representados nessa propaganda são relacionados às professoras. O primeiro, é relacionado à professora não nativa. Sua imagem é construída a partir de estereótipos indesejáveis para o público alvo da propaganda. O ator é de estatura baixa e usa roupas em tons de bege. No quadro um, ele é representado com uma postura curvada, segurando vários livros empilhados nas mãos e com uma mochila nas costas. No quadro dois, ele está dentro do carro e sua fisionomia demonstra estar entediado. No quadro 3, o jovem está sentado na sala de aula ouvindo as explicações da professora e sua fisionomia, mais uma vez, expressa tédio. Essa representação do primeiro aluno nessas imagens remete ao ultrapassado, antiquado e enfadonho. Estudar com vários livro, pegar trânsito para ir até a escola e ficar em uma sala de aula ouvindo explicações e vendo mímicas para entender um idioma tem um apelo negativo. Toda essa construção está ligada à professora não nativa, reforçando a ideia de que ela não é a melhor opção para se estudar inglês.

O segundo aluno, por outro lado, é representado de forma a reforçar aspectos positivos. Ele é representado por um ator alto, trajando roupas casuais e joviais. No quadro um, ele aparece com postura projetada para cima, segurando um computador. No quadro dois, está sentado confortavelmente em um sala usando o computador. Por fim, no quadro quatro ele aparece conversando com a professora nativa americana e sua fisionomia expressa contentamento, o jovem está sorrindo. Essa representação do segundo aluno o coloca como uma pessoa moderna e que está se divertindo com suas aulas de inglês.

A construção dos dois alunos relaciona modernidade, beleza e felicidade com a professora nativa e aspectos ultrapassados, fora de moda e pouco atraentes com a professora não nativa.

Portanto, a imagem mostrada e dita da professora Joana aliada à construção da imagem de seu aluno em oposição à imagem do aluno da professora nativa reforça o preconceito que vem se criando ao longo do tempo com relação a professores de inglês no que se refere à dicotomia nativo x não nativo.

Este comercial inferioriza e ridiculariza os professores não nativos comparando-os ao conhecimento e autoridade dos professores nativos. O que, para Golombek e Jordan (2005), é um mito que tem implicações negativas na constituição da identidade do professor não nativo. Identidade que carrega as marcas de um conflito insolúvel, pois não é possível, tampouco desejável, se tornar como um falante de inglês nativo. O que não desmerece os conhecimentos e capacidades dos professores não nativos. David Graddol (2009), em entrevista, afirma que os melhores professores não são os falantes nativos de inglês, isso é senso comum que foi se construindo ao longo do tempo. Para o linguista, o melhor professor de inglês é aquele que é altamente capacitado, tem domínio da língua que ensina e fala a língua materna do aluno. Portanto, a superioridade de professores falantes nativos de inglês é parte do senso comum, um mito criado e, algumas vezes, reforçado por construções simbólicas midiáticas.

## CONCLUSÕES

O ensino de línguas estrangeiras, em especial de inglês, no contexto brasileiro é influenciado por modelos internacionais, a maioria desenvolvida nos Estados Unidos ou na Inglaterra. Essa ideia de modelo ideal de ensino está relacionada à concepção de falante ideal da língua e a discursos que reforçam o pressuposto de que falantes nativos de inglês são melhores professores, pois têm pleno domínio linguístico. Assim, as escolas que adotam essa postura, com interesses mercadológicos, ajudam a promover a imagem de professor não nativo como inferior.

Neste artigo procurei analisar um comercial de uma escola de idiomas e os efeitos de sentido produzidos acerca de professores de inglês não nativos em relação a professores nativos. Analisei a construção da imagem dos atores sociais presentes na propaganda, a professora não nativa, a professora nativa e dois alunos. Para Fairclough (2003, p. 11) “O que é dito/mostrado em um texto sempre se baseia em suposições

não ditas, portanto parte da análise textual é tentar identificar o que está pressuposto”. No texto analisado, acredito que o pressuposto, o não dito refere-se ao posicionamento social em relação ao que vem de fora, ao internacional como mais prestigiado que o nacional.

Por isso, enfatizo que essa dicotomia está fortemente marcada no texto midiático analisado por questões mercadológicas e imperialistas. Ou seja, os efeitos de sentido criados refletem a ideologia pós-colonial (JORDÃO, 2008) que cria uma imagem inferiorizada do professor de inglês não nativo e enfatiza a superioridade de falantes nativos, geralmente americanos e/ou ingleses com o propósito de persuadir estudantes brasileiros a estudarem com estes. Assim, o poder persuasivo da mídia é elemento que colabora para (re)constituir a identidade do professor de inglês não nativo a partir de representação negativa e atributos indesejáveis. A mídia atua como esfera que age na constituição do que se é, a partir da articulação de elementos simbólicos colocados em ação a partir de campanhas publicitárias como estas.

Essas construções simbólicas são, muitas vezes, recebidas de forma naturalizada, como se que o que é representado fosse a realidade e não uma representação desta. A Análise de Discurso Crítica pode contribuir com o questionamento dessas representações e confrontá-las com outras possíveis. Assim, espero com este breve percurso analítico instaurar tal contribuição para que discursos dominadores como estes sejam confrontados e questionados.

## REFERÊNCIAS

BARBARA, L.; SARDINHA, T. B. **Professor: A Imagem Projetada na Imprensa.** Investigações: Linguística e Teoria Literária. Recife: UFPE, v. 17, n. 2, p. 115-126, 2005.

BAUMAN, Z. **Identidade:** Entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BUCHOLTZ, M.; HALL, K. **Identity and interaction: a sociocultural linguistic approach.** Discourse Studies, v. 74, 2005. p. 585-614.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in Late Modernity: Rethinking critical discourse analysis.** Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

CORACINI, M. J. R. F. **A Celebração do Outro na Constituição da Identidade.** Organon. Porto Alegre: UFRGS, v. 17, n. 35, p. 201-220, 2003.

FAIRCLOUGH, N. **Discourse and Social Change.** Cambridge, UK: Polity Press, 1992.

\_\_\_\_\_. **Critical Discourse Analysis: The critical study of language.** New York: Longman, 1995.

\_\_\_\_\_. **Analysing discourse: textual analysis for social research.** London: Routledge, 2003.

\_\_\_\_\_. **Language and globalization.** London / New York: Routledge, 2006.

\_\_\_\_\_. A dialectical-relational approach to critical discourse analysis in social research. In: WODAK, R.; MEYER, M. (Ed.). **Methods of Critical Discourse Analysis.** 2. ed. London: SAGE, 2012.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso.** Trad. Laura Fraga de A. Sampaio. São Paulo: Loyola, 2003.

GRADDOL, DAVID. Entrevista G1, 2009. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Vestibular/0,,MUL1368465-5604,00-MELHORES+PROFESSORES+DE+INGLES+NAO+SAO+BRITANICOS+NEM+AMERICANOS+DIZ+LINGUI.html>>. Acesso em: 29 jan. 2014.

GIDDENS, A. **New rules of sociological methods: A positive critique of interpretative**

sociologies. Cambridge: Polity Press, 1993.

\_\_\_\_\_. **Modernidade e identidade.** Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GOLOMBEK, Paula; JORDAN, Stefanie Rehn. Becoming “Black Lambs” not “Parrots”: A Poststructuralist Orientation to Intelligibility and Identity. *Tesol Quarterly*, v. 39, n. 3, 2005, p. 513-533.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 ed. 1 reimp. Rio de Janeiro: DP & A, 2011a.

\_\_\_\_\_. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Stuart Hall, Kathryn Woodward. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011b. p 103-133.

JORDÃO, Clarissa Menezes. **A Postcolonial Framework for Brazilian EFL Teachers’ Social Identities.** *Electrónica Matices en Lenguas Extranjeras*, n. 2, 2008, p. 1-15.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

RAJAGOPALAN, K. A confecção do memorial como exercício de reconstituição do self. In: Luiz Paulo da Moita Lopes; Liliana Cabral Bastos (Org.). **Identidades: recortes multi e interdisciplinares.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

RAMALHO, V.; REZENDE, V. de M. **Análise de Discurso (para a Crítica): O texto como material de pesquisa.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

RESENDE, V. de M. **Análise de Discurso Crítica e Realismo Crítico:** implicações interdisciplinares. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

VARGHESE, M; MORGAN, B.; JOHNSTON, B.; JOHNSON, K. **Theorizing language teacher identity:** three perspectives and beyond. *Journal of Language, Identity, and Education*, v. 4, n. 1, p. 21-44, 2005.

WODAK, R.; MEYER, M. **Critical Discourse Analysis:** history, agenda, theory and methodology. In: WODAK, R.; MEYER, M. (Ed.). *Methods of Critical Discourse Analysis*. 2. ed. London: SAGE, 2012.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Tomaz Tadeu da Silva (Org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Stuart Hall, Kathryn Woodward. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 7-72.

Recebido em: 13/03/2016

Aceito em: 18/05/2016